

TECENDO EM REDES : OS USOS DA INTERNET COMO FONTE PARA O CAMPO DA HISTÓRIA (2001-2010)

PEDRO EURICO RODRIGUES*

Não irei considerar todas as formas de tempo ou experiência temporal, mas apenas aquelas que pertencem à tradição do saber: mais precisamente, os modos por que conectam presente, futuro e passado na escrita da história. Estas configurações intelectuais compõem apenas uma camada das relações complexas e intrincadas para o tempo mantidas por toda sociedade a cada momento, uma trama percorrendo a tapeçaria. (HARTOG, 1996:1)

Como uma tapeçaria, a internet é um meio que converge presente passado e futuro. Uma tapeçaria que vem se construindo há um pouco mais de uma década, e hoje, por milhões de tecelões, cada qual, com um fio que tece um mosaico de sentidos. Cabe ao historiador do presente tornar este espaço um tapete macio a pisar, ao olhar para esses fios como rastros deixados em um passado. Obviamente que na rede mundial de computadores pode-se verificar um número aproximado do infinito de fontes a serem trabalhadas e discutidas, tais como fotografias, vídeos, documentos digitalizados, enfim, ainda existe muito trabalho a ser feito para interpretar os muitos mosaicos formados pelos tecelões em todo o mundo. Pretendo aqui discutir uma de tantas possibilidades: verificar a escrita da e na internet como fonte para História, na perspectiva da cultura escrita, os seus percalços e possíveis percursos na primeira década do século XXI no Brasil.

Assim como sugere Hartog em seus regimes de historicidade, problematizarei a internet dentro do presentismo, regime que segundo o autor ocupou o lugar do regime moderno de historicidade (1789-1989). Pensando as duas datas como quebras com o que estava até então vigente, a primeira, 1789 – Revolução Francesa e ruptura com o antigo regime – e a segunda, 1989 – queda do muro de Berlim e o livro de Francis Fukuyama “O fim da História”. De uma ponta temos o fim da monarquia francesa, e o

* Mestrando em História do Programa de Pós-Graduação Em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGH-UDESC, financiado pela bolsa CAPES.

fim da *historia magistra*, e de outro o fim dos “governos humanos”, na visão de Fukuyama, uma visão evolutiva da história. Ou seja, esse regime de historicidade moderno, que visa o futuro, embasado na palavra-chave “Progresso”, onde a história é escrita para pensar em um futuro, como no velho jargão de muitos professores de história da década de 1990: “A história estuda o passado para entender o futuro.”

François Hartog é emblemático ainda quando dispõe no tempo o presentismo no início do século XX, com Felippo Marinetti criador do Futurismo italiano. Pode-se verificar uma vontade voraz de presente nesta vanguarda, ao verificar-se o “Manifesto Futurista” de 1909 em seu oitavo ponto:

Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.¹

Pode-se inferir aqui o que Hartog chama de valorização do presente, onde os futuristas como Marinetti estão deslumbrados com os avanços tecnológicos do início do século XX, ostentando do motor dos carros aos apitos das fábricas, e tornando o passado obsoleto. Neste momento, se constata um novo desafio para história, tornar o obsoleto atual, e interessante, sem estabelecer padrões com a *historia magistra*. (HARTOG, 1996: 10)

Percebemos então, uma necessidade de se escrever a História através do presente, rompendo com a história teleológica aportada no futuro. A História do Tempo Presente vem tentando sanar esses problemas, porém não foi a primeira a trabalhar nesta perspectiva, pois já notamos essas urgências de presente na primeira geração dos *Analles* com Lucien Febre e Marc Bloch. Desde então, vemos um crescente nas pesquisas e nas metodologias ancoradas no presente. As grandes guerras vieram como um soco ao fazer com que o historiador se confronte com horrores experimentados pelos seus sobreviventes, como em “O massacre de Civitella Val di Chiana” onde

1 Cf. em http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Futurista

Alessandro Portelli historiciza a execução de 115 civis (homens) italianos em 29 de junho de 1944 através da memória das mulheres que sobreviveram e os enterraram (PORTELLI, 2006). Novas metodologias se fizeram necessárias: violar e guardar memórias através da história oral em suportes, primeiramente, via fita magnética e hoje via gravadores digitais. Assim podemos olhar o para História do Tempo Presente como horizonte onde não há instrumento de referência, tudo está por fazer.

Pode-se pensar a História do Tempo Presente, como uma “história no gerúndio” que está acontecendo, e cabe ao historiador usar dos recursos tecnológicos necessários para construir sua narrativa. Já se usou a tinta e a pena, posteriormente caneta, a máquina de escrever e hoje o computador. Historiadores sempre tiveram o receio do novo, e cada qual no seu tempo, ou regime de historicidade, sofreu por olhar diferente de seus pares: Tucídites com o “ver” se contrapondo ao “ouvir” de Heródoto (HARTOG, 2003 : 57), buscando outra verdade, pois pensava que a memória era falha; Jules Michelet ao contrapor-se à história crônica que, segundo ele, está fadada ao balbucio, o historiador apaixonado pela França, inclui o povo em suas narrativas (DOSSE, 2001 : 16); Marc Bloch e Lucien Febvre lançando a revista do *Annales* em 1929 se contrapõem aos seus professores, introduzindo novas maneiras de olhar para o passado: Bloch com o livro “Os reis taumaturgos” traz as mentalidades para o cerne dessas novas discussões. Novas fontes foram trazidas à tona, e através delas foi possível olhar para o passado para além dos documentos ditos “oficiais”.

O que aflige os historiadores é o suporte em que as fontes são guardadas. Comumente estas se encontram em arquivos, acervos pessoais e bibliotecas, ou seja, em locais físicos, ao contrário da internet, onde os documentos são guardados em local virtual. Se perguntarmos para fontes do primeiro grupo, sobre a questão da sociabilidade na Internet na primeira década do século XXI, por exemplo, iremos obter poucas informações, geralmente através do registro da imprensa nessa década, fotos e diários pessoais - as “escritas de dentro” (CUNHA, 2009) . Desta forma haveria lacunas para construir uma narrativa capaz de contemplar, por exemplo, o olhar daqueles que participaram do processo. Ao incluir a internet como fonte, podemos olhar para outras questões ao verificar trocas de e-mail, as redes sociais, blogs, através dessas “escritas de

fora” (CUNHA, op cit.) a narrativa histórica se preenche, formando um desenho mais vívido desse passado. Como coloca Albuquerque

Não podemos fugir do limite imposto pelo nosso arquivo. Só podemos historicizar aquilo que deixou rastros de sua produção pelo homem, em dado momento e espaço. Mas desaparecem as fontes privilegiadas da História, ou aspectos de que o historiador não poderia se ocupar e tudo se torna historicizável e fonte de historicidade (ALBUQUERQUE, 2007:64)

Assim concordando com o historiador, buscarei problematizar a internet como fonte para a história, lembrando que somente a sua parte escrita, e esta por sua vez será analisada dentro da cultura escrita onde são fixados os “traços do passado, a lembrança dos mortos, ou a glória dos vivos” (CHARTIER, apud CUNHA, 2009:251).

O e-mail hoje é sem dúvida a ferramenta mais usada entre os internautas. Com essa poderosa ferramenta de comunicação se pode realizar uma infinidade de procedimentos, desde uma simples conversa com amigos até compras de produtos. O e-mail é composto por duas partes: cabeçalho, onde se encontra o e-mail do remetente, o destinatário e o assunto da mensagem; e o corpo, onde se encontra a mensagem que será enviada ou recebida, e geralmente uma assinatura de quem enviou o email, às vezes somente com o nome, e às vezes com outras informações. Todo e-mail dispõe de data e hora que foi enviado, sendo possível assim colocá-lo como fonte no tempo. Como as cartas que são incluídas como fontes de escritas ordinárias, e tem certa resistência do portador (remetente, destinatário, ou família) para serem analisados, os e-mails sofrem as mesmas dificuldades, pois sendo de foro íntimo revelam nuances da vida privada, o que dificulta o seu acesso.

O que proponho é o uso dessa ferramenta como forma de diminuir (ou aumentar) a distância entre historiador e seus sujeitos, no intuito de coletar memórias através de e-mail, ao invés de usar a história oral. Tal metodologia é válida quando os sujeitos estão dispostos num espaço geográfico delimitado, onde o historiador vá fazer pequenos deslocamentos para obter essas memórias. Com o e-mail é possível entrevistar sujeitos em várias partes do mundo, e de nosso país que possui dimensões continentais. Como na história oral, através do e-mail, as perguntas devem seguir o padrão de uma pergunta

(mensagem) por vez, facilitando assim a forma de dialogar com o seu interlocutor. A história oral constrói memórias cara a cara, que serão posteriormente depuradas através da transcrição do oral para o escrito. O e-mail já é escrito, porém as respostas coletadas através dele não serão em “tempo real”, por mais que a internet propicie isso, serão respostas pensadas, e muitas vezes os silêncios serão ocultados e todas as expressões do entrevistado serão processadas em palavras.

Mesmo assim é possível analisar esse tipo de fonte, apesar de ela estar em suporte digital, há a possibilidade da impressão dos emails, ou anexá-los em trabalhos futuros, retirando obviamente informações que comprometam o entrevistado, como o endereço do e-mail, e/ou número de telefone e endereço, bem como se for da opção do entrevistado não fornecer inclusive seu nome verdadeiro. Como coloca Robert Frank, ao falar da prova na história do tempo presente, diferenciando fontes orais de fontes escritas

A história é, entre outras coisas, um inquérito quase no sentido policial do termo, com indícios, depoimentos e testemunhas. O depoimento oral não constitui necessariamente uma prova, mas pode ser uma boa contribuição para a busca da prova ou das provas. A fonte escrita, também, considerada como mais nobre. (FRANK, 1999:106)

Ambas as fontes, orais e escritas, segundo o autor, são fontes produzidas pelos seus momentos: a fonte oral é provocada pelo historiador, fazendo com que o entrevistado coloque um prisma do acontecimento dando indícios para o entendimento do processo, podendo aumentar assim o leque de fontes possíveis para análise – mostrando um bilhete, indicando outro interlocutor, mostrando fotografias. Já a fonte escrita está inscrita no tempo, seja no papel ou no meio digital, pois ela passa pela subjetividade de quem escreveu e isso envolve suas intenções de produzi-la. O autor cita, por exemplo, um documento escrito por um prefeito que vai escrever para um ministro, e isso vai colocá-lo em uma relação hierárquica, ou seja, um documento que não dá margem à liberdade de escrita, pois será um texto formatado em normas e protocolos. Ou seja, cabe ao historiador olhar adequadamente para esse tipo de fonte.

O que venho propondo é um estreitamento entre o escrito e oral. Utilizando metodologicamente a história oral, será usada, por exemplo, a mesma ética: no final das entrevistas cabe ao historiador enviar um e-mail com todas as respostas para que o interlocutor verifique, corrija e modifique o que achar necessário, bem como a autorize para a utilização da entrevista. A análise deste produto dar-se-á no campo da cultura escrita, já que a entrevista será produzida nesta perspectiva. Deve haver um compromisso do historiador em analisar este suporte de documento – a entrevista online – percebendo suas especificidades: o interlocutor pensa e repensa suas respostas antes de enviar, e assim sendo, perde-se traços de espontaneidade, ao contrário da história oral.

É perceptível em uma década a mudança dos acessos na Internet, estabelecida por vários brasileiros, que juntos estavam descobrindo os espaços virtuais. Para esses usuários do início do século XXI, com os seus computadores conectados a rede em *dial-up*² - a famosa internet discada - servia como uma extensão da escola, do trabalho e dos amigos. E a comunicação on-line se dava através de comunicadores instantâneos como: o Irc³, o ICQ⁴ e *chats*⁵; e sites como: Fotolog.com⁶ e blogs⁷;

2 Conhecida também como conexão discada, que é uma conexão comutada à Internet, realizada por meio de um modem analógico e uma linha da rede de telefonia fixa, que requer que o modem disque um número telefônico para realizar o acesso. Cf. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil** : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Coordenação executiva e editorial Alexandre F.Barbosa; São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm> acessado em 01 de out de 2009.

3 A Wikipedia define como Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação bastante utilizado na Internet. Ele é utilizado basicamente como bate-papo (chat) e troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada. Foi documentado formalmente pela primeira vez em 1993. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/IRC> Acessado em 10 de out de 2009.

4 A Wikipedia define como é um programa de comunicação instantânea pela Internet. A sigla é um acrônimo feito baseado na pronúncia das letras em inglês (*I Seek You*), em português, "Eu procuro você".

5 Chat é uma palavra inglesa e significa "bate-papo". Quem está conectado manda mensagens para uma página que é atualizada a cada segundo, sendo possível dialogar pela Internet utilizando-se de texto. Quando se dialoga com outras pessoas dessa maneira diz-se que se está em um "chat" ou bate-papo. Cf. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil** : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Op. Cit.

6 O Fotolog www.fotolog.com foi criado em 2002, por Scott Heiferman e Adam Seifer. Ele conta atualmente com mais de 14 milhões de contas e mais de 350 milhões de fotos novas por dia (Dados de 07 de janeiro de 2008). Fotolog é o primeiro site voltado para fotografias a aparecer entre os mais acessados do Brasil no ranking do Alexa (<http://www.alexa.org>) (19o lugar). Cf. RECUERO, Raquel. **Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais**: Interação e Capital Social nos Comentários do Fotologs. Encontro da Compós, São Paulo, SP, em junho de 2008. Acessado em 5 de out. de 2009

Anunciavam-se mudanças de comportamentos de sociabilidade: era o começo dos encontros on-line. Esses espaços além de reafirmar laços já existentes, possibilitavam novos, e, por conseguinte, encontros em lugares públicos ou privados. As pessoas estavam atravessando barreiras do on-line para off-line⁸.

Contudo, essa forma de se utilizar a internet, foi superada pela Web 2.0⁹, pois desde 2004 experimentamos uma nova forma de estar na rede, considerada por muitos, como um novo formato de comunicar-se. O internauta, além de receptor passa a construir de forma orgânica o espaço virtual por onde navega. Aqui é interessante colocarmos um divisor da breve história da internet nesse início de século, pois antes de 2004 as pessoas se comunicavam através dos comunicadores instantâneos¹⁰ - *chats* e e-mails. Já no pós-Web 2.0 além destes, os usuários passaram a construir e interagir de diversas formas com a internet, que possibilitou inúmeras formas de se comunicar como é o caso do software Wiki¹¹, e o fenômeno das redes sociais¹². Através deste último

disponível em <http://escoladeredes.ning.com/>

- 7 Os blogs são páginas pessoais nas quais os autores podem expor desde experimentações literárias até os mais banais comentários sobre o seu cotidiano” como coloca AZEVEDO, Luciene **Blogs: A escrita de si na rede dos textos**. Revista Matraca, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007 P.44.
- 8 On-line, estar conectado na Internet. Off-line, não estar conectado na Internet.
- 9 Segundo Paula Sibília (2008:14) : Trata-se, em suma de um verdadeiro caldeirão de novidades que ganhou o pomposo nome de “revolução Web 2.0” e a acabou *nos* convertendo nas personalidades do momento. Essa expressão foi cunhada em 2004, em um debate do qual participavam vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício. A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas on-line procurava “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação”, segundo reza uma das tantas definições oficiais, “equilibrando a grande demanda com o auto serviço”. Essa peculiar combinação do velho slogan *faça você mesmo* com o novo mandato *mostre-se como for*, porém, vem transbordando as fronteiras da internet. A tendência tem contagiado outros meios de comunicação mais tradicionais, enchendo páginas e mais páginas de revistas, jornais e livros, além de invadir as telas do cinema e da televisão.
- 10 Comunicadores instantâneos são *softwares* de computador que permitem o envio e o recebimento de mensagens de texto *on-line*. Normalmente, esses programas incorporam diversos outros recursos, como envio de figuras ou imagens animadas, conversação por áudio utilizando as caixas de som e o microfone do sistema, além de videoconferência (por meio de uma webcam). Alguns Exemplos de programas, Mirc, MSN, ICQ, Skype, etc. Cf. **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil** : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Op. Cit.
- 11 Chama-se “wiki”, palavra que no idioma havaiano significa “rápido”, à mais simples e flexível ferramenta de colaboração pela internet. A wiki mais famosa atualmente é a wikipedia, enciclopédia livre da Internet construída por milhões de usuários. ABDO, Alexandre Hannud. Wiki In: SPEYR, Juliano (Org.) **Para Entender a Internet: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede**. 2009. P. 57-58
- 12 Sites de redes sociais (Social Network Sites – SNSes, em inglês), o termo vem sendo utilizada

tentarei pensá-lo com objeto de pesquisa por possibilitar uma amplitude de vários tipos de sociabilidades.

As redes sociais mais comuns entre os brasileiros hoje são o Orkut, o FaceBook e o MySpace, cada qual com a sua especificidade e um público alvo. Pensando metodologicamente a rede social como fonte vou ater-me à rede social Orkut. O Orkut tem, aparentemente, o “simples” intuito de “juntar” pessoas que já não se viam há muito tempo, ou seja, amigos da infância que se mudaram, amigos do trabalho, da escola, entre outras relações, com a finalidade de (re) encontrar conhecidos. Porém a rede social toma proporções que “fogem” do controle, ou não, de seus criadores, pois as comunidades - onde pessoas diferentes e estranhas se “juntam” para debater assuntos variados, conversar, ou simplesmente desabafar - demonstram as sociabilidades dentro dessa rede social na internet. Estas sociabilidades virtuais são relações que os indivíduos mantêm entre si, e que, espontaneamente ou não, geram regras e atitudes esperadas, formam comportamentos e condutas. Assim, concordo com Norbert Elias no que tange as relações humanas, bem como seus conceitos de indivíduos e sociedades, que um não está e nem nunca estará distanciado do outro:

Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo. (ELIAS, 1994:67)

As redes sociais, como o Orkut, também não funcionam sem indivíduos, e são estes usuários que movimentam e constroem os espaços. Dentro do Orkut, existem comunidades, que são fóruns para debater variados assuntos, de dentro destas saem namoros, cineclubes, e encontros. Há também o outro lado, a exclusão, como o bullying digital, manifestações de racismo, de homofobia, de machismo, que fogem à ordem

para designar sites que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocentrado de relacionamentos. Atualmente existem vários sites, entre eles o Orkut, MySpace, FaceBook,, etc. Cf. AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet: desafios na pesquisa**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 30. 2007. Santos. 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. 1-15 p. Acessado em 27 de Setembro de 2009 disponível em <http://paraentenderainternet.blogspot.com>

vigente. Com tantas possibilidades, vou tentar perceber de que forma é possível problematizar tais sociabilidades.

Com a pergunta freqüente a ser preenchida na rede social “Quem sou eu”, que possibilita a construção de uma identidade pelo usuário, pode-se muitas vezes encontrar ali uma pequena biografia, em forma de uma letra de música, um poema, algo que dê identidade ao mesmo. Uma identidade como coloca Zygmunt Bauman, que tenta “recriar a realidade a semelhança da idéia” (BAUMAN, 2005:26), ou seja, nesses perfis são colocados projeções que os sujeitos buscam aparentar, seja no âmbito da erudição, com um poema, por exemplo, seja do religioso com uma oração ou frase, ou ainda há os que se definem por letras de músicas e vídeos. No virtual essa identidade torna-se moldável de acordo com o humor e a disposição de construção de si de cada um. Dentro do perfil além de fotos e vídeos, podemos saber várias outras informações como a data de aniversário, se o usuário tem filhos ou não, a religião, o humor – a seu ver, preferências de músicas e filmes, entre outras coisas. Estes espaços de sociabilidades virtuais são entendidos como possibilidades para a construção de si e para a construção de identidades. Pode-se perceber que estas são dadas a partir de ferramentas oferecidas pelo provedor ao usuário da rede, que através dos chamados perfis, possibilitam o tracejar de personalidades. Outras ferramentas disponíveis nestas redes sociais também auxiliam na construção de perfis: as comunidades. Mesmo não sendo utilizada para o fim de debate – na ordem do cotidiano – estes pequenos (ou grandes) grupos encontrados dentro da rede funcionam como meio para se difundir gostos e opiniões, muitas vezes até numa proporção maior que o próprio debate – proposta inicial das comunidades. Por meio delas, o usuário mostra aos outros seus gostos, suas preferências, suas opiniões, e somadas aos perfis e às fotografias disponibilizadas pelos usuários, formam um caráter on-line da pessoa.

Cabe ao historiador voltar seus olhos para esses perfis e comunidades, cada um recheado de informações – “um maná de fontes” – tanto na parte visual e na escrita. Esta rede social nos dá indícios de práticas individuais e coletivas, que deixaram seus rastros *on-line*, apto às intervenções dos historiadores, tomando tais rastros como elementos de uma cultura escrita do século XXI.

Ambas as metodologias citadas acima para trabalhar o e-mail e as redes sociais no campo da História, trazem para o historiador do presente possibilidades de interpretar essa tapeçaria que é a internet, possibilitando talvez, olhá-la como um tapete macio a se pisar ao invés de uma grande teia de aranha que venha prender o seu pesquisador. Faz-se necessário que o historiador do presente se lance a descobrir dentro de seu campo, novas abordagens para buscar um chão para suas perguntas, como coloca Hartog:

De qualquer modo, este presente, que venho descrevendo como aparentemente onipresente aparece também no todo inseguro e comporta dificuldades em tomá-lo como sua própria avaliação. Como se fosse capaz de preencher a lacuna, que ele mesmo abriu, entre a experiência e o horizonte de expectativa. O passado está a bater à porta, o futuro à janela e o presente descobre que não dispõe de piso para ficar de pé. (HARTOG, 2006:13)

Ler esse presente se faz necessário, dando a ele um sentido e transmitindo as novas gerações experiências desse turbilhão de possibilidades que muitas vezes se naturalizam e passam despercebidos. Jean-Pierre Rioux nos ajuda a problematizar essa questão:

Como não sentir além disso que uma reflexão da história sobre o presente pode ajudar as gerações que crescem a combater a temporalidade contemporânea, a medir o pleno efeito destas fontes originais, sonoras e em imagens, que as mídias fabricam, a relativizar o hino à novidade tão comumente entoado, a se desfazer desse imediatismo vivido que aprisiona a consciência histórica como a folha de plástico “protege” no congelador um alimento que não se consome? (RIOUX, 1999:46)

Por mais difícil que seja, temos que retirar o “plástico que protege”, que aprisiona a consciência histórica, e fazer com que olhemos para os fenômenos do presente. Ao voltar os olhos para a internet, um campo movediço, rápido e muitas vezes traiçoeiro, mas que nos mostra inúmeras possibilidades de ver o passado. Pra isso, procurarei aqui, não olhar a rede como um todo uniforme, pois ela é o contrário, algo heterogêneo que possibilita vários olhares e tantas outras abordagens. Como sugere Roger Chartier “o historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir

observatórios ajustados às suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica.” (CHARTIER, 2006:216). Portanto o historiador que se lança às pesquisas que envolvem a internet e que propõem trabalhá-la como fonte devem comprometer-se com as especificidades que ela traz, como as citadas acima. Não se pode simplesmente transpor metodologias; a forma de se trabalhar com a fonte virtual ainda está por fazer; e é o que proponho aqui. Tais fontes trazem à cena uma infinidade de abordagens possíveis. Entender a internet como campo da cultura escrita é uma das possibilidades de análise.

Referências Bibliográficas

ABDO, Alexandre Hannud. Wiki In: SPEYR, Juliano (Org.) **Para Entender a Internet: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede**. 2009. P. 57-58

AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet: desafios na pesquisa**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 30. 2007. Santos. 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. 1-15 p. Acessado em 27 de Setembro de 2009 disponível em <http://paraentenderainternet.blogspot.com>

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da História**. Bauru: EDUSC, 2007

AZEVEDO, Luciene **Blogs: A escrita de si na rede dos textos**. Revista Matraca, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CHARTIER, ROGER. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. p.215-218.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. In PINSKY, Carla Basssnezi, LUCA, Tânia Regina (orgs.) **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 281-308

DOSSE, François. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: UNESP, 2001.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1994.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103-118

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time.** In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*

Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. Coordenação executiva e editorial Alexandre F.Barbosa; São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009. Disponível em <http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm> acessado em 01 de out de 2009.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1994): mito, política e senso comum In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. P 93-101

RECUERO, Raquel. **Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais:** Interação e Capital Social nos Comentários do Fotologs. Encontro da Compós, São Paulo, SP, em junho de 2008. Acessado em 5 de out. de 2009 disponível em <http://escoladeredes.ning.com/>

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; TETART, Philippe; BECKER, J. J. **Questões para a história do presente.** Baurú: EDUSC, 1999. p. 39-50

SIBÍLIA, Paula. Eu, eu, eu... você e todos nós. In: **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 7-28

SPEYR, Juliano. Web 2.0 In: SPEYR, Juliano (Org.) **Para Entender a Internet:** Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. 2009. P. 28-29. Acessado em 27 de Setembro de 2009 disponível em <http://paraentenderainternet.blogspot.com>

Sites Acessados

<http://pt.wikipedia.org>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/IRC>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Futurista

www.facebook.com

www.fotolog.com

www.myspace.com

www.orkut.com